

**ENTREVISTA COM EDMUNDO NASCIMENTO****LOCAL: Sede Do Comitê Interpartidário – Mesquita****DATA: 04/06/2004****INÍCIO DA ENTREVISTA: 15:55**

**(FATIMA)** – Boa Tarde, seu Edmundo. Eu gostaria que o senhor falasse inicialmente da sua ligação com Mesquita, se nasceu aqui ou veio de algum outro lugar. Caso tenha vindo de outra região, explique os motivos da mudança e a escolha por Mesquita. É, caso tenha nascido aqui, como é que era um pouco essa cidade nessa época, na época da sua, quando o senhor tinha 18, 19, 20 anos por aí, e quando isso aconteceu, né, quer dizer, caso o senhor tenha mudado para cá, como é que era Mesquita, né, nessa época, que, ou o senhor nasceu aqui e depois cresceu, ou quando o senhor veio pra cá.

**(EDMUNDO)** – Bem, Fátima, boa tarde. Bem, Fátima, em 1928, nascia em uma cidade chamada Siriri no estado de Sergipe, uma criança que recebeu o nome de Edmundo, Edmundo Nascimento. Esta criança, sendo filho de um pai um tanto rigoroso e, vamos dizer assim, orgulhoso pelo seu vigor, lavrador, agricultor e dizia pra todo mundo, ele dizia pra todo mundo: “Meus filhos não serão criados conforme eu fui. Eu não sei ler nem escrever. Mas não deve ficar um sequer que não aprenda a ler e escrever”. Isso realmente aconteceu. Aos cinco anos de idade, eu, freqüentava uma escola, tem a foto dessa escola até hoje na minha casa, e, aos oito anos, eu terminava o, a, mas, ó, terceira série, né. Era 3ª série, aos oito anos. Como eu não poderia deixar de estudar, as minhas irmãs, eu sou o caçula da família, então as minhas irmãs arranjaram com o padrinho do meu irmão para que eu fosse estudar num colégio interno, mas neste colégio interno só entrava com 11 anos e eu só tinha oito. Então eu levei mais três anos tratando de cavalo, dando banho em cavalo, semeando cana nas terras do meu pai, capinando, enfim, uma infância que, eu hoje eu tenho inveja, aliás, eu tenho saudade dela. Diante do que acontece hoje, me dá saudade desta infância que parece difícil, né. Mas a verdade é que era essa. Três anos depois eu ingressei neste colégio: “Aprendizado Agrícola Benjamim Constant”. Neste Aprendizado nós

História  
de  
vida

começávamos, a primeira coisa era aula de campo: era enxada, picareta, era pá, cavadeira, era tudo, só campo. E roça, né, nós cultivávamos arroz, horta, hortaliça, pra, era um colégio que só tinha cem, cem crianças, cem crianças internas, que só iam em casa de 6 em 6 meses. Mas também depois dessas aulas de leitura, nós passávamos por todas as outras:: enfermaria, cozinha, copa, que não é a mesma coisa, que parece, mas não é. Copa, cozinha, enfermaria, é, marcenaria, marcenaria, sapataria, mecânica. Enfim, e saía até à secretaria. E todos teriam que passar por tudo, por todas elas, para um Conselho de Mestres, mostrar aonde é que eles seguiam melhor, por aquilo que ele passou, aonde é que ele esteve melhor. E foi neste Conselho, ah, de música também, que também fui músico, cheguei a tocar na banda, né, desfilar na semana da Pátria, coisa e tal, mas eu tocava requinte, que é um instrumento pequeno, que é pequenininho, hoje eu estou treinando saxofone, né, hoje eu estou treinando saxofone.

Bem, em 1944, é, em 1944, eu tinha terminado o curso que chamavam profissionalizante, e eu já era marceneiro profissional. O meu mestre Vicente me levava ao gabinete do diretor e dizia pra ele: “Doutor Lima, quero lhe apresentar mais um artífice, mais um marceneiro para o Brasil”. Isso eu não esqueço nunca, foi uma coisa muito gostosa que eu escutei e o Doutor Lima veio, me abraçou e disse: “É, realmente, é mais um marceneiro para o Brasil. E o Brasil vai precisar de você meu filho”. Isso em 44, aliás, em 43, em 44 eu, eu saí.

Trabalhei em 45 na cidade, em Aracaju, como marceneiro, e em 46, em fevereiro de 46, eu chegava aqui, no dia dois de fevereiro, em 46 eu chegava aqui, na Estação de Mesquita, com meu pai, minha mãe, uma irmã e um garoto que nós criávamos, que meus pais criavam.

Aí, Mesquita nessa época, em 46, era muita laranja, era muita laranja, era só laranjal, isso aqui era laranjal puro. Mas engraçado que tinha as ruas, já tinha algumas ruas já traçadas e nós fomos morar na rua Júpiter, 680. Com o dinheiro que o meu pai trouxe de lá, comprou essa casa e nós fomos morar lá. Isso em 46.

O mais gostoso de ter chegado em 46, eu descansei três dias: 2,3,4. Cinco de fevereiro, eu fui ao Rio procurar emprego. Me empreguei na primeira casa, eu pedi, eu fiquei empregado. E

Vinda  
p/ Mesquita

Mesquita  
em  
1946

que eu pensava que era uma loja de móveis, que era uma fábrica de móveis, não, era uma loja, e eu fiquei empregado. Cheguei a ser gerente desta firma. Bom, mas deixa a firma pra lá. Em 46, comecei, trabalhei em 47, 8, 49, 50, 51. Cinquenta e dois eu me casei, já em Mesquita, né. Eu me casei.

Daí eu comecei a andar mais e conhecer mais. E foi exatamente aí, quando no dia 05 de maio de 57, aqui na sede de um clube de futebol que nós tínhamos, o Sete de Setembro, na rua Maria Mendes Vecchi, esquina com Mr. Watkins, sobrado, aonde hoje é embaixo é uma, uma, caldo de cana, uma lanchonete. E ali foi a primeira reunião que nós tivemos para a emancipação de Mesquita. Presidida pelo Doutor Jackson Trindade, irmão do Regner Trindade, aquela família, né. E foi aí que começou. Eu num, eu não era ninguém, eu não aparecia como nada, aliás, até hoje mesmo, até hoje, tudo que eu faço, eu faço questão de estar de fora. Meu nome não entra, pode procurar por aí, aonde tem por aí, que o meu nome não entra em nada. Eu não gosto. Eu gosto de ver, eu gosto de fazer, eu gosto de ver, de ver a coisa realizada, mas botar meu nome, botar meu nome, eu não, sei lá, não sei bem porque, mas a verdade é essa. Eu gosto mais da realização. Então, depois desta reunião, nós tivemos muitas outras várias reuniões, mas várias reuniões mesmo, onde eu tive aí como presidente de um conselho de emancipação, o senhor Hélio Amaral, presidente do conselho de emancipação.

Trabalhamos, mas acontece que em 83, 83, é, 83, foi dada a entrada, aliás, em 62, é, foi em 62, foi criado o primeiro processo para emancipar Mesquita. Este processo desapareceu daqui até Niterói. Ninguém mais soube dele. Houve várias coisas, disseram isso, disseram aquilo, mas nada provado, então eu não posso nem dizer o que que disseram, não é verdade? Isso ficou, só que teve uma coisa engraçada nisso tudo. Eu sou obrigado a dizer o que que aconteceu porque envolveu pessoas da nossa relação muito forte e pessoas que vieram depois daquilo tudo, que trouxe a emancipação pra Mesquita. Então o que que aconteceu? O que que disseram? Disseram que quem tinha desaparecido com o processo era José Montes Paixão, é o que disseram. Hoje eu sei porque que disseram. Antes eu não sabia. Tanto é que, até, até 92, eu também era diferente com

1ª  
reunião  
em  
1957

Conse-  
lho  
de  
Eman-  
cipação

Desa-  
pare-  
cimento  
do  
processo

José Montes Paixão, porque achava que realmente era ele que tinha tirado o processo, entendeu?

E em 92 ele ligou pra mim.

Bom, mas isso, antes disso aí, aconteceu em 87 o primeiro plebiscito. Nesse daí eu participei diretamente, até mesmo em despesa, em correria, o único carro de som que tinha para chamar o pessoal era o meu: um Opala Vermelho. Meu Deus! Como sofreu aquele Opala! Mas no dia seis de setembro de 87, feriadão, chovia, todo mundo indo embora pra aqui, pra ali, pra acolá, e não teve, ali eu tenho certeza que não teve quorum. Eu tenho certeza, sofri muito, corri muito, mas não adiantou muito, não adiantou nada. E eu tinha certeza que não houve quorum porque eu não vi ninguém na rua. Eu vi algumas pessoas, não via muito gente. Muito bem, isso em seis de setembro de 87.

1º  
plebis-  
cito  
1987

Então passou seis de setembro de 87 e a luta continuou. Mais branda, menos, com menos força, coisa e tal, mas em 92, eu recebi uma telefonema. "Alô". Eu digo, é Edmundo, sim senhor. "É Paixão". Olha bem, eu era, eu estava tão bem com o Paixão, que eu dizia: Paixão, Paixão, José Paixão! Ah, José, ô, Paixão! Como é que está você? Coisa e tal. E ele dizia, Edmundo posso fazer uma proposta? E eu digo, depende da proposta. "Mas eu posso fazer?" Pode. "Vamos emancipar Mesquita?" E eu digo: "Não brinque comigo assim". Eu não sou de brincar assim com você, não faça isto. Você está me, me malhando, coisa e tal". "Não, estou falando a verdade, tô falando a verdade.". Muito bem. "E você vem até aqui?" Vou. "Posso marcar a reunião?" Pode. E eu marquei, eu já sabia que a reunião ia para 4ª feira, marquei a 4ª feira pra ele me ver. E ele veio. Dois elementos do conselho de emancipação que estavam reunidos naquele dia não apertaram a mão dele. Se negaram a apertar a mão dele, para ver como é que ele estava bem, né? Mas aí ele disse: "Olha cada um dá o que tem, eu estou te dando o que eu tenho, o que eu quero. Você não quer aceitar, paciência". Aí continuou, como sempre, ele muito pra frente, né, ele não, não titubeou. Fez o discurso dele pra assumir, assumiu mesmo, assumiu mesmo.

1992  
Paixão  
entra  
em  
cena

Então fizemos a campanha de 92, foi marcado pra 93 o plebiscito. Exatamente em 93, nós fizemos o plebiscito, aviões jogaram panfletos, fizeram viagens, fizeram lá, negócio de

excursões gratuitas, fizeram churrasco, pintaram e bordaram. O governo, é, Paulo Leone, Paulo Leone, pintaram e bordaram. Acabou, fomos fazer a apuração, lá no Sesi, em Nova Iguaçu. Dali eu sai pra ir pro hospital, temeroso, de cabeça cheia, com uma porção de coisas, acabei no hospital. Mas, Graças a Deus estou aqui hoje. Aconteceu, não deu quorum. E Paixão disse: “Edmundo, calma Edmundo, calma Edmundo” E eu digo: “Paixão, agora só daqui a 4 anos”. “Não, não, tenha calma, não se espante com isso não”. Quando foi, em 94, foi outro processo que teve marcado o plebiscito pra 95. Bom, isso tudo veio com reuniões em cima de reuniões. Nós fomos vaiados, até num bingo que houve no União Futebol Clube, a primeira aparição nossa com o Paixão. E o povo que nos vaiou lá no clube? E eu digo: “Vá embora Paixão, deixa comigo”. E ele saiu, e eu fiquei, e depois veio o dono do bingo e tomou o microfone, e tomou da palavra do Beta, que hoje é candidato a vereador, Humberto, é que acalmou o pessoal, eu vim embora também, viemos embora. Mas isso aconteceu né. Bom, muito bem.

1993-  
de  
Plebiscito

(FÁTIMA) – O Comitê Pró-Emancipação ele foi dessa época, ou já no plebiscito de, no movimento de 83, já existia? (EDMUNDO) – O de 87.

(FÁTIMA) – O de 87? (EDMUNDO) – Não, tinha, tinha o Conselho de Emancipação.

(FÁTIMA) – Você pode falar um pouquinho sobre esse Comitê Pró-Emancipação?

(EDMUNDO) – Bem, o Conselho de Emancipação, não era bem o comitê, era o Conselho de Emancipação, cujo presidente, foi, primeiramente foi o Mendes, Hélio Mendes do Amaral, foi o primeiro presidente. Depois da presidência do Hélio Mendes do Amaral, era um membro que eu não me recordo muito bem. Mas quando Hélio Mendes do Amaral faleceu, veio para a mão do Zedequias Araújo, Zedequias Araújo, e aí eu já era o seu vice-presidente, nessa (.....) do comitê. Mas tinha representações em tudo quanto é lado, tinha como posso dizer, reuniões, tinha líderes também nos bairros, nas, nas, nas igrejas, tinha lideranças, várias lideranças.

Con-  
selho  
de  
Emancipação

Isso naquela época, porque agora, ah, já em 95, o Paixão realmente tomou conta de tudo. Nós é que fazíamos as reuniões em tudo quanto era lado. E eu era quem chegava primeiro pra ver luz, pra ver letra, pra ver cadeira, pra ver tudo. E ainda eu era o animador da festa né, da reunião. “Cadê as palmas do Paixão, cadê as palmas do fulano de tal que vai falar, cadê as palmas?” Enfim, eu era o animador da coisa, né. E de forma que quando chegou em 95, nós tivemos aqui o outro, o terceiro, o terceiro é, o terceiro plebiscito. Foram quatro processos, mas com plebiscito, só três.

Hovi-  
mento  
1995

**(FÁTIMA)** – Eu tinha lido no jornal da época falando sobre a época que teve, que chegou a ter um plebiscito em 62. Então isso não aconteceu? Só teve o processo? Não chegou a ter nenhum plebiscito?

**(EDMUNDO)** – Não, não, não. Em 62 só houve o processo. Em 62 só houve o processo. O plebiscito só teve em 87, 93 e 95. Isso, aliás, eu não sei se posso dizer, graças a Deus, mas só tem eu, hein? Só tem eu.

**(FÁTIMA)** – Só, né? Mas e o Jackson Trindade? Porque eu soube que ele tá em Brasília, né? Eu conheci muito o Regner Trindade, seu Regner, né. Mas ele faleceu né, eu sei que ele andava também, era um dos arautos da emancipação. Mas, aí quer dizer, na verdade no início era o seu Jackson né? E parece que ele tá lá em Brasília, né? Eu tava tentando entrar em contato com ele.

**(EDMUNDO)** – Exato. Era. Está e chorou quando soube que não passou. Doutor Jackson Trindade, quando ele soube em Brasília que Mesquita não tinha passado do plebiscito, ele chorou igual criança. Ele também gosta muito de Mesquita, a verdade é essa. E o mais engraçado é que em 95, quando disseram que não tinha quorum, parece que, eu sei lá, eu acho que eu estava mais forte, e eu não chorei. Eu aceitei, eu aceitei a coisa como se fosse uma bobeira, que eu sabia que ia ganhar.

(FÁTIMA) – O senhor pode contar um pouco esse dia, como é que foi esse dia do plebiscito, porque eu já tive alguns depoimentos e parece que foi uma coisa muito forte, né?

(EDMUNDO) – Parece não, foi. Foi muito forte. Nós... Olha, nunca houve uma festa em Mesquita maior do que aquela. Ali não teve que, não ficou criança, não ficou velho, idoso, não ficou jovem, não ficou. Todo mundo na rua e querendo o plebiscito. Briguei muito nesse dia. Como eu briguei, enfrentei juizes que eles pensavam até que eu era alguma coisa na vida, né. Eu tenho a cabeça meio achata, parecia que eu era um militar de Alagoas, Alagoas é da terra dos Marechais, né? Eu sou cabeça chata, alagoano, é de lá. (risos nossos) Então, foi muito forte sim, tanto é que houve, houve até juiz de cabeça quebrada. Quebraram a cabeça do juiz e o presidente pegou o helicóptero nos fundos e foi embora. Os juizes ficaram por aqui pra ir de ônibus, né. Pois olha, e não quebraram mais porque Paixão não deixou. Não foi pior porque Paixão não deixou. Subiu num carro, fez discurso: “Não se incomodem, deixa que nós vamos emancipar Mesquita”. Fez discurso e dia depois a gente tava já pedindo os óbitos para fazer a prova de que realmente estava errado.

O quorum não era aquilo que eles diziam, era menos. O cara me botou quem morreu, botou quem se mudou, botou quem não tinha votado com dois anos, botou todo mundo. O quorum tava (.....). Tanto é que tava cento e poucos mil, o quorum, e não era nada disso. O Waltinho, este que hoje é candidato a, candidato a prefeito, o Waltinho, o Walter Paixão, esse menino perdeu a noção, esse menino perdeu a noção do dia. Ele não sabia mais se era dia ou se era noite. Ele e mais quatro companheiros nossos. Eles perderam a noção do dia e da noite, porque foi, eles cruzaram três vezes tudo pra quando chegar em Brasília... Olha, nem era em Brasília, porque eles queriam era aqui. Mas aqui, no TRE daqui negou. Negou a nossa ação e Paixão botou o material no avião, não botou no avião e Brasília. Deu entrada lá em Brasília. Foi aí que nós levamos 5 anos, 4 anos né, foram 4 anos é, e ganhamos. Houve até algumas vezes que a gente ficava triste, mas nós tínhamos muita fé no Paixão, seu conhecimento, sua vontade.

O dia do plebiscito de 1995

A luta judicial

Foram 175 viagens a Brasília, sem pedir dinheiro à ninguém, sem pedir dez centavos à ninguém. E não era só ele, ia ele, os dois advogados, o Waltinho, tudo por conta do José Montes Paixão, para emancipar Mesquita. E exatamente no dia 20, 25 de setembro de 99, né, é que nós tivemos a nossa cidade emancipada, através do governador Antony Garotinho, aqui na avenida São Paulo, praça pública, a nossa euforia, a nossa euforia (risos da entrevistadora). Tanto que eu tenho perto de você aqui ò, isso aqui eu tenho, observa bem, pra você: “Mesquita livre, queremos homenagear esta grande luta, desbravador, aliás, esse, escrevemos, homenagear este grande lutador, desbravador e construtor da cobertura imaginária destes 42 Km quadrados que recebeu o nome de Mesquita.” Isso aqui é uma outra coisa viu? Nós éramos 42 Km quadrados.

(FÁTIMA) – E diminuiu por quê?

$$\begin{array}{r} 1999 \\ 1957 \\ \hline 42 \end{array}$$

(EDMUNDO) - E hoje nós somos 38, porque ficou parte com Belford Roxo e parte com Nova Iguaçu e que se Deus quiser não vai ficar. Waltinho vem aí e tenha a certeza que nós vamos buscar isso aí. No governo do Waltinho, se Deus quiser e ele quer, hein, e ele quer. Então, esses 4 Km, esses 4 Km já tem ação, já existem as ações. Falta só acompanhar agora mais de perto e eu tenho certeza.

(FÁTIMA) – Uma parte é aquela que tá ali, aquela parte que tem o pórtico de entrada de Belford Roxo, que é aonde tá o Carrefour né, aquela parte toda que vai até ali o final né?

(EDMUNDO) – Isso, exatamente. Exatamente. É, e a outra é o K11, de forma que a outra é o K11, mas tenho certeza que nós vamos buscar aquilo. Tenho certeza que eu não vou morrer antes de ver aquilo voltar para Mesquita. A outra coisa que você me perguntou sobre que eu tenho que discorrer, do decorrer da 87, 93, 95, 99, 99...

(FÁTIMA) – Deixa eu lhe perguntar uma coisa. Tem duas coisas aqui que eu anotei durante a sua fala. Uma é lá no início ainda, porque o senhor contou um pouco como foi que veio pra cá né, um pouco antes, e aí depois deu um pulo e logo parando na Estação de Mesquita. Não sei se

Os limites - disputa

você, se o senhor sabe disso né, mas como é que seus pais tomaram conhecimento desse lugarejo? Na medida em que vocês moravam lá em Aracaju, na cidade de Siriri, tão longe? Então uma coisa é morar aqui no Estado de Rio de Janeiro e até ter conhecimento né, porque naquela época até também nem todo mundo tinha muito conhecimento. Mas como é que foi isso, como é que vocês vieram parar aqui em Mesquita?

**(EDMUNDO)** – É, isso eu esqueci de falar, realmente. Mas nós já tínhamos aqui no Rio uma irmã chamada Pureza, tinha um irmão, aliás, mais duas irmãs chamadas Isabel Rita e Isabel, mais um irmão chamado João, que era o que nós chamávamos de Joni, e mais um irmão que tinha vindo uns dois anos antes de nós. Quer dizer, nós estávamos com uma família aqui em Mesquita, todo mundo aqui em Mesquita. A Pureza é que morava em Nilópolis, mas Nilópolis ainda era Nova Iguaçu, né. Só um ano depois é que ela passou pra, pra, passou através de um decreto foi transformado em cidade, né. Nilópolis e São João de Meriti em 47, Nilópolis e São João de Meriti. E eles é que criaram, ele, com esse irmão João é quem foi lá pegar o meu pai e minha mãe, e minha mãe chegando, eu até esqueci de falar esse detalhe, que eu tinha feito exame para a escola de aprendiz de marinho, faltavam três dias para mim embarcar para Salvador, para a escola de aprendiz de marinho, quando meu pai chegou com a minha mãe e o meu irmão. A minha mãe falou assim: “Meu filho, você quer ir para a Marinha ou quer ir para o Rio comigo?” E eu digo: “Estar com a senhora é sempre melhor do que estar na Marinha”. Fui lá e desisti, não fui para a Marinha, desisti, e eles fizeram tudo para mim não desistir porque eu fui o primeiro colocado. Imagina? Já pensou eles perderem o primeiro colocado? Em tudo, saúde, tudo. Primeirão, era eu. E eu fui pedir, até que eles conseguiram. E eu disse: “Olha, não adianta porque eu não quero ir e se eu for não vou ser o mesmo. Estou querendo ir com a minha mãe”. E eu contei a história, estou querendo ir com a minha mãe para o Rio. E foi exatamente aí que eu vim para o Rio. Chegando aqui é que já tinha a Pureza, o Joni, a Rita, a Isabel, e o Aluízio. De todos eles, só tem vivo nós dois, Aluízio e eu, tá?

Vinda  
do  
Nordeste  
p/ Mesquita

**(FÁTIMA)** – A outra pergunta é o seguinte: Como o senhor tinha falado antes que teve umas pessoas envolvidas naquele processo de 62, até que hoje são muito chegadas, e que envolvidas com aquele processo de sumiço. O senhor começou a contar, falou, eu percebi, mas a minha obrigação é desvendar as coisas, né. E aí o senhor disse que até não era muito chegado ao Paixão né, mas depois elucidou tudo. Então eu queria que o senhor contasse um pouquinho isso. Se o senhor puder.

**(EDMUNDO)** - Posso sim. É que realmente disseram que foi o Paixão, mas por que que disseram? Eu vou explicar. Isso é política também, foi política também. Em 1950, o Paixão foi candidato a vereador pelo MDB, juntamente com o Hélio Mendes do Amaral. E o Hélio Mendes do Amaral perdeu a eleição e o Paixão ganhou. Então ele culpou, ele disse que o Paixão tinha roubado os votos dele. Como é que ele vingou-se do Paixão? Dizendo que aquele processo foi o Paixão que tinha roubado. Tinha botado fogo, tinha pegado, tinha botado fogo no processo, tá. Mas e eu também, que eu acompanhava tudo, mas eu não tinha certeza de nada. Ele é o mais velho, é o mais antigo na história e que disse que isso tinha acontecido, como todo mundo acreditou, todo mundo acreditou, e eu também. Tanto é que eu conversava com o Paixão, meu irmão muito ligado a ele, o Aluizio muito ligado, mas eu era, nós éramos, aliás, éramos a..., positivo e negativo. A gente, principalmente, conversávamos, nós e nos respeitávamos, mas, politicamente era um ali e outro aqui. Tanto é que o processo, esse processo da liberdade de Mesquita, o mapa de Mesquita foi feito na minha mesa, na mesa da minha casa, éramos três, todo mundo era do processo. né. Mas éramos três a trabalhar, era Edmundo Nascimento, Antônio Carlos e Francisco Caninbert. É que passava até fome no Rio, porque chegamos a ficar com fome, sem dinheiro pra comer, mas tinha que resolver o problema.

**(FÁTIMA)** – Isso lá atrás?

Sumiço  
do  
processo  
↓  
política

**(EDMUNDO)** – Lá atrás. Não, 87, entendeu? De forma que, eu contei a história? Deu pra entender?

**(FÁTIMA)** – Deu, deu pra entender. Deu pra entender.

**(EDMUNDO)** – Edmundo Nascimento e José Montes Paixão, é positivo e negativo. Nós só nos unimos para produzir alguma coisa. E a produção foi essa, foi Mesquita emancipado e Paixão fazer um governo que em três anos ninguém fazia nem em dez. Em três anos de governo Paixão, Mesquita cresceu mais de trinta anos, isso é sendo bonzinho. Se começar a pensar direitinho, cresceu quase cinqüenta anos no governo dele. Mas a natureza quis que acontecesse, não foi por falta de falar comigo não. Que quantas vezes eu falei pra ele “Paixão, vamos devagar, mais devagar, que a nossa idade não dá mais pra isso” e ele dizia assim: “Edmundo, tá com medo de morrer?” (risos do entrevistado). Ele dizia pra mim: “Edmundo tá com medo de morrer?” “Não, tô com medo de ficar doente”. E ele aí ficou. Acabou que ele ficou. Mas, quando pegar dois positivos e negativos e se colocar uma resistência entre os dois, ela fica vermelha e produz calor. Agora se juntar os dois, vamos brigar. Mas se botar uma resistência, produz o calor, não é verdade? E só se unem para produzir. Aí também é José Montes Paixão e Edmundo Nascimento.

Enalte-  
cimento  
do  
governo  
Paixão

**(FÁTIMA)** – Uma outra perguntinha. Depois de 62, né, do, com o sumiço do processo, esse movimento, quer dizer de plebiscito, ele só retornou em 83, ou seja, cerca de 21 anos depois. Você podia contar um pouquinho, o que que o senhor acha, por que que demorou tanto tempo? Esse período aí, vazio o que que aconteceu, por que que as pessoas não continuaram a se movimentar, e só 21 anos depois é que retornou?

**(EDMUNDO)** – Parece que só 21 anos depois, mas até reuniões com velas e lampiões nós tivemos fazendo. Aí nós tivemos como andamento disso aí, Mário, é, com Mário Alves, foi um daqueles que brigaram também, fizemos reuniões na casa dele com vela, vela e lampião. Tivemos aí o, o meu próprio irmão Aluizio, fazia reunião lá na Chatuba. Nós tivemos aí, deixa

Inter-  
tício  
de  
20  
anos

eu ver mais quem, aí meu Deus do Céu, o menino lá da Coréia, que fazia reuniões também na Igreja São Matheus, São Matheus não, aliás São Matheus sim, que fazia reuniões. Nós tínhamos, nós não deixamos de fazer reuniões não, o Conselho continuou.

**(FÁTIMA)** – Nesses 21 anos?

**(EDMUND)** – Nesses 21 anos o Conselho continuou brigando. Não tinha tudo que hoje nós temos, não fazíamos o que fazemos hoje, mas não parou não, não parou mesmo. Fiz uma reunião na casa da minha irmã, da Rita, também com candeeiro, com candeeiro né, quer dizer, não parou não. Só que ele teve mais força depois que entrou o que hoje digo que entusiasta maior que ele não existe, em Mesquita, entusiasta que o meu Deus como é que é o nome dele, Tenente Santa Rita. Tenente Santa Rita botava um terno branco, de esquina em esquina ele fazia um comício para a emancipação. Foi o maior entusiasta que nós tivemos para a emancipação de Mesquita. Foi o Santa Rita, a verdade é essa. Era a pé, sem carro, que ele não andava de carro, chegava numa esquina, campanha para a emancipação. Na outra esquina, a mesma coisa. Isso era o tempo todo, o tempo todo. Ele era condenado pelo filho, aliás, que faleceu agora a pouco tempo o filho dele, e que era contra ele, que zombava do pai, que o pai era maluco, que queria a emancipação de Mesquita. Mas depois que o pai, que o pai morreu e depois que nós emancipamos, ele também passou a ser emancipador, né. A vida é isso, né?

**(FÁTIMA)** – Agora eu queria que o senhor falasse uma coisa. É esse movimento todo, o senhor começou a falar dos primeiros movimentos em 57, agora, quais foram, eu queria que o senhor contasse um pouquinho quais foram as motivações de levar, de começar esse movimento pela emancipação? Porque naquela época em 57, né, é, Mesquita ainda era um lugarejo de, de, Nova Iguaçu, já era distrito? Já era um distrito? Já, acho que foi em 55 né. Acho que foi por aí, pelo que eu me lembre, né, da história.

**(SEU EDMUNDO)** - Distrito?

(FÁTIMA) – Acho que sim, acho que foi em 55 que ela foi elevada a distrito, né? Acho que foi isso. Então, quais foram os motivos, porque Nilópolis evidente já tinha emancipado, mas existiam outros lugares aí, até muito mais distantes de Nova Iguaçu né, que eu não sei se começaram nessa época, mas o que que motivou, no seu entender, o que motivou, lembrar um pouquinho como é que vocês se uniram, por que que vocês se uniram para começar esse movimento lá naquela época?

(EDMUNDO) – Bom, é, é claro que Mesquita, Mesquita não, a Baixada Fluminense, sempre esteve no Rio de Janeiro, aliás, a grande mão-de-obra do Rio de Janeiro é a Baixada Fluminense. E quem via o que se passava no Rio de Janeiro tinha inveja, gostaria que acontecesse aqui. Então o que é que aconteceu? Todo mundo sabia e tinha certeza e está provado de que ser boi é uma coisa, mas ser ferrão é outra. Então o que é que nós vimos, que Nova Iguaçu levava o nosso dinheiro, as nossas fábricas, é, fábrica de telha, é nossa indústria, ia tudo pra Nova Iguaçu e não voltava nada para aqui. Nós tínhamos consciência disto e tínhamos certeza de que se o dinheiro ficasse aqui, era outra coisa, igual fica hoje, não é verdade? E nós tínhamos certeza também que existia uma lei que quarenta por cento, aliás, sessenta, é quarenta por cento, da, do movimento, aliás, da arrecadação de cada distrito, era para ser empregado no distrito, mas não se aplicava nem dez por cento. Quer dizer, diante disso, nós tínhamos que ter uma reação e a nossa reação foi exatamente essa. Eu digo a nossa, mas que não era bem a nossa não, porque não fui eu que fundei. Eu comparecia à reunião, eu comparecia à reunião, mas eles eram mais velhos do que eu inclusive, o Regner, Jackson, Hélio, tem um aqui também que tem, que teve até um discurso. Meu Deus! Júlio Prata, esse ainda é vivo, só não está igual a mim, né. Mas já está meio lá, meio cá, mas é vivo ainda. Esse fez o discurso, é, dizendo que gostaria que o primeiro governo, os vereadores trabalhassem gratuitamente.

Motivos  
da  
emancipação

**(FÁTIMA)** – Como em muitos lugares do mundo. Em outros lugares, em muitos lugares é assim mesmo.

**(EDMUNDO)** – Não, em Mesquita é ao contrário, em Mesquita é que os vereadores querem o dinheiro todo (risos nossos). Deixa eu ver se tem mais alguma coisa. Olha... Eu tenho aqui alguma coisa pra você, aqui que é a origem do nome. Tá vendo, mas eu vou tirar a cópia, que eu só tenho essa aqui, eu tinha guardado.

**(FÁTIMA)** – Isso daí foi quem que fez a pesquisa? Tem um lugar?

**(EDMUNDO)** – Espera aí, espera aí. Olha aqui. Dados Históricos obtidos da Biblioteca Nacional e conhecido pelo Senhor Edmundo Nascimento e elaboração por Elizabeth Cerqueira.

**(FÁTIMA)** – Ah, então foi através da Biblioteca Nacional.

**(EDMUNDO)** – É, Biblioteca Nacional.

**(FÁTIMA)** – Tem aqui, o senhor tem que botar a fonte, né? Eu posso tirar uma xerox aqui.

**(EDMUNDO)** – Ta, tira dessa daqui.

**(FÁTIMA)** – Isso aí é bom também. Foi o senhor que escreveu?

**(EDMUNDO)** – Isso aqui é um artigo escrito por mim, eu escrevia no jornal, escrevia no jornal. “O Poder emana do Povo . Aqui, aqui eu levo Mesquita de 1557. Meu Deus! Tem a outra página, meu Deus! Eu até digo aqui, olha só: “Muitas pessoas se destacaram neste movimento, mas posso afirmar sem medo de errar que o maior entusiasta do processo até 87 foi o saudoso Doutor Ludgero Santa Rita, dos processos de 93 a 95, foi José Paixão a quem devemos o sabor da vitória”. Isso aqui também.

(FÁTIMA) – E isso aqui, o que que é?

(EDMUNDO) – Não, isso aqui foi um rascunho que eu fiz aí para um dos artigos. Ah, mas aqui, é quase que esse aí. Em 15 de Janeiro de 83 e 33, 83, a cidade, peraí. Isso é um artigo que está publicado também, agora eu só não tenho esse jornal, porque eu peguei esses jornais.

(FÁTIMA) – Isso aqui é de quando, o senhor lembra? E que jornal é?

(EDMUNDO) – Ah, sim! O jornal é Mesquita Livre.

(FÁTIMA) – E o dia, o senhor sabe? Não sabe?

(EDMUNDO) – Isso é de 2000.

(FÁTIMA) – De 2000, tá.

(EDMUNDO) – Aliás, a publicação.

(FÁTIMA) – Repete o que o senhor tinha falado.

(EDMUNDO) – É, é que parece que muitas pessoas, não é só no Nordeste não, a maioria, pensa que Mesquita realmente pertenceu a Nova Iguaçu, que era de Nova Iguaçu. Realmente era, mas o maior, a maior comunicação de Mesquita é com Nilópolis. Porque Mesquita saiu exatamente da fazenda São Matheus e a fazenda São Matheus é realmente em Nilópolis, aonde hoje está o (.....), o Rádio Amador de Nilópolis, é, na fazenda São Matheus, na sede da fazenda, que é a Igreja, na sede da fazenda São Matheus. De forma que então, outra coisa que é dito, Brás Cuba. Falar em Brás Cuba em Mesquita é besteira, não adianta, Brás Cuba não teve nada a ver com Mesquita. Nada, nada, nada, nem com Nova Iguaçu, nem com Nova Iguaçu. E eu tenho aqui,

numa dessas, deixa eu ver se eu vou encontrar aqui o que eu quero. Ah, não, peraí. Nessa aqui não, é nessas aqui. Ah, certo mesmo. Origem do Nome. Mostra aqui 54, 63 coisa e tal, aí vem.

**(FÁTIMA)** - Acho que deve ser na frente mesmo, aqui, né.

**(EDMUNDO)** – Distrito em 32 hein? Em 32. Chatuba, Mesquita, coisa e tal, “Como vimos anteriormente, em 15 de janeiro de 33, Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu é elevada a categoria de vila e dentro dela estava Jacutinga, terra dos jacus brancos. Mesquita foi elevada a categoria de distrito em 32. 27 de Maio, ta vendo. Na sede de 7 de setembro falecido, 7 de setembro, a primeira reunião para sua emancipação. Não, não é aqui. Eu só sei dizer que...É, não é aqui.

**(FÁTIMA)** – Seu Edmundo, é, eu gostaria de saber se o senhor tem alguma pessoa, é, pra indicar que seria importante eu entrevistar, né, que fale um pouco dessa questão da emancipação, um pouco dos antecedentes.

**(EDMUNDO)** – Sobre o processo de emancipação. Eu não tenho, eu tenho várias pessoas, são várias, não é uma só não. Agora eu precisava ter o endereço de cada uma, telefone para te falar. Mas deixa o telefone comigo, que eu vou tentar entrar em contato com eles, aí eu falo para você voltar lá. Tá bom?

**(FÁTIMA)** – O senhor quer falar mais alguma coisa?

**(EDMUNDO)** – Eu quero simplesmente agradecer a você pelo interesse, porque quando se fala em Mesquita, parece que eu nasci em Mesquita, mas eu não nasci não. Não nasci, mas quem mais tem me agüentado é Mesquita, né. Cheguei aos 15 anos e já estou com 75, então tenho 60 anos em Mesquita. Sou mais resistente do que muita gente que nasceu aqui, né. De forma que eu quero agradecer a você, o Fátima, a gentileza de ter me procurado para fazer essa reportagem, e para falar de Mesquita eu estou sempre disposto a qualquer maneira, a qualquer hora, a qualquer

O orgulho da cidade e identidade

momento e pode contar comigo. Se é Mesquita, ah tem mais alguma coisa que você não sabe. Você não sabe. Eu era assessor, assessor do Prefeito não era? Pois olha, eu era assessor do Prefeito José Paixão, né, mas acontece que eu na minha função, era andar Mesquita para ver o que estava errado, pra levar para ele. Só que tudo estava errado que eu achava, eu nunca levava para ele. Eu resolvia com quem estivesse trabalhando, fazendo errado, pra ficar bom. Mas eu fiquei meio cansado e queria descansar um pouquinho. O que que eu fiz? Eu fundei o Espaço Cultural de Mesquita. O Espaço Cultural, é, que agora estou de férias né. Agora eu estou de férias.

**(FÁTIMA)** – Ah, é?

**(EDMUNDO)** – O ano que vem, se Deus quiser nós vamos voltar. Talvez antes do ano que vem. Não sei, Deus é quem sabe. Mas como ele sabe tudo e ele é quem sabe realmente, nós temos que aguardar a vontade de Deus e a vontade de Deus é sempre boa. Pode parecer mal para algumas pessoas que não entendem o que é ser Deus mesmo e Deus é exatamente aquilo que é tudo de bom, que só quer tudo de bom para nós. Nós é que escolhemos às vezes o mal e pensamos que é castigo. Mas não é castigo não, nós é que escolhemos.

**(FÁTIMA)** – Muito obrigada, Seu Edmundo. Seu Edmundo, vamos continuar um pouquinho? O senhor pode contar agora alguma coisa da Brasferro e da Torre da Brasferro?

**(EDMUNDO)** – Bem, a Brasferro foi, realmente, a firma que mais se dedicou a dar trabalho em Mesquita. Foi a Brasferro e a Ludolf & Ludolf. E depois delas duas, veio a Pumar, que foi a primeira. Mas a Brasferro aconteceu o seguinte. Quando eles começaram a pensar, a pensar naquela velha história né, os antigos vêm, fabricam, constroem e coisa e tal, mas os herdeiros nem sempre fazem a mesma coisa. Eles querem só usufruir do lucro que o antigo deixou e foi o que aconteceu com a Brasferro. Foi um elemento mais, aquele Mr., Mr. Watkins, é, Mr. Watkins, era, eu não posso nem dizer, eu só posso dizer que ele era bom demais. Era ele, era espetacular,

Herdeiros

Brasferro

para os empregados, inclusive. Mas acontece que ele ficou velho, (.....). Conclusão: eu tenho as atas em casa, uma meia dúzia de atas do final da Brasferro, que no final da história, realmente aconteceu, eles foram para São Paulo, largaram isso aí, deixaram de pagar e o banco tomou conta. Conclusão: acabou, e o Paixão depois de Mesquita emancipado, foi a segunda, foi, a segunda aquisição em Mesquita, foi exatamente, a Brasferro. Através do Garotinho, Anthony Garotinho que ofereceu, como é que se dá o nome meu Deus do Céu, que, ofereceu o preço pra comprar, já pensando no que o próprio Paixão havia pensado. Em fazer na Brasferro, a praça, a Praça dos Três Poderes. Ali está exatamente, a Prefeitura que já está pronta, vem ainda a Câmara de Vereadores e o Fórum e aqui a Biblioteca Municipal. Isso é naquele local onde está a Câmara já pronta, né. Mas acontece que houve um fato também muito importante no desmonte da Brasferro. Um dos elementos que trabalhava comigo desmontando, aliás, tirando as coisas que prestavam para não deixar quebrarem e coisa e tal, ele achou a ficha dele, oito arquivos, oito arquivos cheio de papeladas de empregados, e ele achou a ficha dele, naquilo ali. Aquilo que, nós ficamos assim ó, de boca aberta, sem saber o que é que tava acontecendo. Em casa, eu tenho ainda que eu levei, aliás, falei até com o Paixão que eu levei, uma xícara do Mr. Watkins, uma xicrinha de café, eu tenho. E como marceneiro, eu tenho duas poltronas feitas por mim, que estavam na Brasferro.

**(FÁTIMA)** – Por quê que elas estavam lá?

**(EDMUNDO)** – Não sei, não. Eu sei que eu vendia para o Catete, eu sei que vendia para o Catete. Mas pelo rótulo, pelo rótulo que eu vi embaixo da poltrona, Casa Davi, eu sabia que a fabricação foi minha. É, é, é, um caso muito sério, mas é gostoso, viu? É gostoso, deu muito trabalho, sim, mas a Brasferro exatamente 80% daquela época, não digo agora, mas naquela época, 80% dos moradores de Mesquita trabalhavam na Brasferro e na Ludolf & Ludolf.

**(FÁTIMA)** – É, eu fiz um trabalho e eu descobri a Torre da Caixa d'água da Brasferro, tinha sido, algumas pessoas achavam que essa, que essa fábrica, que a Brasferro, era um patrimônio

histórico de Nova Iguaçu, não é, foi construída no começo das ativações na década de 50 por aí, né, e que pelo menos a Torre da Caixa D'água, ela não deveria ter caído, pra ficar como símbolo de Mesquita assim como nós temos a Olaria, aquela Olaria do BNH não foi demolida. Eu andei também entrevistando algumas pessoas, né, e elas me falaram que também as pessoas eram a favor, mas que a Torre ela foi demolida, ela caiu. E depois a gente vê que no Brasão de Mesquita ela reaparece, não é, ela aparece, reaparece no Brasão, ela reaparece como capa de livro, não é. Então eu queria isso, quer dizer, o que que as pessoas da Prefeitura, não é o Prefeito, também as pessoas, por que que não se conseguiu fazer com que se fizesse a manutenção da Torre, as pessoas, teve realmente algum interesse por isso ou de repente até passou despercebido?

**(EDMUNDO)** – Não, não passou despercebido não. Foi até um dos pedidos que eu mesmo fiz ao nosso Prefeito. E ele estava certo que não ia fazer, que não ia deixar cair mesmo. Só que a Torre estava muito deteriorada, ela não adiantava deixar, até batendo para fazer as estátuas da prefeitura, ela poderia cair, com o estremecimento. Ela estava demais, demasiadamente danificada, ela não teve como ficar. Tanto é que nós batemos as fotos porque, sabe, aliás, tem foto dela caindo, tem foto dela, três fotos dela em cada posição (ruídos da rua). Eu vou mandar fazer uma cópia para você, mandei fazer uma grande da torre inteira, aliás, é bom pensar porque eu vou passar lá e vou pegar aquela foto que está lá na Prefeitura. Mas talvez ele, a gente pega depois, tá. De forma, que ela não foi despercebida não. Ela não tinha condição de ficar. Foi tentado, foi examinado, foi feito de tudo, e não tinha condição de ficar. Bom, por isso que ela caiu, porque até o próprio prefeito também queria que ela ficasse. Infelizmente não pôde, porque a Engenharia não aconselhou deixar e nós não podemos ser, mais tem a engenharia nesse ponto de vista, não é isso?

**(FÁTIMA)** – Tá bom, obrigada, senhor Edmundo.

Revisão da transcrição: 22 de agosto de 2004.

Intensas  
do  
governo  
de  
nos  
demolir  
a  
torre